

# O GOSTO PELO COLECIONISMO DE VITRAL ANTIGO EM PORTUGAL E NO BRASIL, NO SÉCULO XIX - A COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES

## THE TREND OF COLLECTING ANTIQUE STAINED GLASS IN PORTUGAL AND BRAZIL IN THE 19TH CENTURY – THE FERREIRA DAS NEVES' COLLECTION

**Clara Moura Soares**

*ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
claramourasoes@letras.ulisboa.pt*

**Maria João Neto**

*ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
mjneto@letras.ulisboa.pt*

### RESUMO

Centra-se o presente estudo no conjunto de quatro vitrais suíços, do século XVI, pertencentes à coleção de arte do bibliófilo Jerónimo Ferreira das Neves (1854-1918), um brasileiro que passou temporadas em Portugal. Aprofundar o conhecimento acerca deste colecionador e enquadrar o seu gosto pelo colecionismo de vitral antigo, no contexto das práticas registadas no nosso país e no Brasil, no século XIX, constituem objetivos essenciais deste trabalho. Pretende-se, assim, abrir caminho para novas investigações, focadas na presença do vitral antigo ou *al antiguo* no mercado de arte oitocentista, mas também para abordagens revivalistas que considerem o vitral como uma arte valorizada no âmbito do restauro de monumentos ou da construção de novos edifícios historicistas.

### PALAVRAS-CHAVE

**Coleção de arte | Vitrais | Jerónimo Ferreira das Neves | Rio de Janeiro | Século XIX**

### ABSTRACT

This study is focused on the set of four Swiss stained glass, from the 16th century, belonging to the bibliophile Jerónimo Ferreira das Neves' collection of art, a Brazilian who has spent several periods in Portugal. Deepening the knowledge about this collector and framing his taste for collecting ancient stained glass, in the context of the practices recorded in our country and in Brazil in the nineteenth century, are essential objectives of this work.. It is intended, therefore, to open the way to new researches, focused on the presence of the old (or *al antiguo*) stained glass in the nineteenth century art market, but also for revivalist approaches that consider stained glass as a valuable art in the context of the restoration of monuments or in the construction of new historicist buildings.

### KEYWORDS

**Art collection | Stained Glass | Jerónimo Ferreira das Neves | Rio de Janeiro | XIX century**

# JERÓNIMO FERREIRA DAS NEVES, BIBLIÓFILO E COLECIONADOR DE ARTE

A 5 de junho de 1955 os jornais do Rio de Janeiro noticiam a abertura ao público da Sala-Museu Ferreira das Neves, estabelecida na Escola Nacional de Belas-Artes. Elogiam-se as obras de arte expostas, com destaque para importantes pinturas dos séculos XV e XVI, um medalhão de cerâmica Della Robbia e porcelanas chinesas, mas deixa-se uma grande interrogação no ar: “Quem foi Ferreira das Neves?” Desejava então o repórter do *Diário de Notícias*, da capital carioca, Clemente Magalhães de Bastos, “colher dados sobre esse senhor, ou a respeito de sua viúva... a fim de conhecer a origem da coleção”, lançando um curioso repto: “Os leitores que possam ajudar-nos, queiram escrever-nos”.

## Aberta ao Público a “Sala-Museu” Ferreira das Neves, na E. Nacional de Belas Artes

### Pinturas Importantes dos Séculos XV e XVI — Medalhão de Cerâmica de Della Robbia e Porcelanas Chinesas — Quem foi Ferreira das Neves?

**H**á dias, por ocasião das comemorações do 1.º centenário da criação oficial do ensino de História da Arte, no Brasil, inaugurou a sala-museu Ferreira das Neves, na Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade do Brasil. A curiosidade em torno da valiosa coleção de obras de arte, legada pela viúva de antigo colecionador era grande e o público que compareceu foi dos mais numerosos. Constituiu mesmo surpresa, o fluxo de visitantes. Além de alunos e do público em geral estiveram presentes o representante do ministro Cândido Mota Filho, o prof. Pedro Calmon, reitor da Universidade; o dr. Rodrigo M. F. de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; a congregação da E. N. B. A. e professores da Faculdade Nacional de Arquitetura, da Faculdade de Filosofia da U. D.

F. e do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. E ninguém se decepcionou com a visita. A coleção Ferreira das Neves possui algumas obras de grande interesse e figurará entre os centros de arte do Rio de Janeiro.

#### HORARIO DE ABERTURA

A direção da Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade do Brasil, comunicou que a entrada da sala Jerônimo Ferreira das Neves será franqueada ao público, todas as quintas-feiras, das 9 as 12 e das 13 às 17 horas. A sala fica no 1.º andar próxima da entrada exist-

tente pela rua Araújo Porto Alegre.

#### IMPORTANCIA PARA OS ESTUDOS DE HISTÓRIA DA ARTE

Não foi simples coincidência a inauguração da Sala no dia do 1.º centenário do ensino de História da Arte no país. A coleção será útil à aprendizagem dos alunos da Escola e aos trabalhos práticos do Seminário de Estudos de História da Arte, recém-criado, anexo à Cadeira, na E. N. B. A.

Que o valioso exemplo dêse lido e se repita. Poucos colecionadores, no Brasil, pensam nas Universidades, ao contrário do que ocorre nos E. U. e na Europa. Esperemos que o nobre e desinteressado gesto do colecionador Ferreira das Neves e de sua viúva frutifique, a bem do ensino e das futuras gerações.

#### QUEM FOI FERREIRA DAS NEVES?

O repórter não conseguiu muitos dados acerca do sr. Jerônimo Ferreira das Neves e de sua esposa, d. Eugênia Barbosa de Carvalho Neves. Parece que Ferreira das Neves era conhecido colecionador de origem pernambucana, vivendo no Rio. Estêve várias vezes na Europa, onde adquiriu certas obras, possivelmente as dos séculos XV e XVI.

Nossa relação está interessada em colher dados sobre esse senhor, ou a respeito de sua viúva, que faleceu há mais de 7 anos, a fim de conhecer a origem da coleção. Os leitores que possam ajudar-nos, queiram escrever-nos.

#### OBRAS PRINCIPAIS

Há 4 pinturas de santos (São

Pedro, inclusive), de tamanho natural, de grande valor artístico. Parecem ser de origem portuguesa. A coleção reúne, também, retratos de Fernando de Aragão, marido de Isabel, a Católica), e de Carlos, o Temerário, duque de Borgonha, além de outras obras antigas.

De mármore possui dois belos medalhões circulares, um representando o Papa Inocêncio XI, de estilo Berniniano, e outro com a Madona e o Menino Jesus, de sabor renascentista.

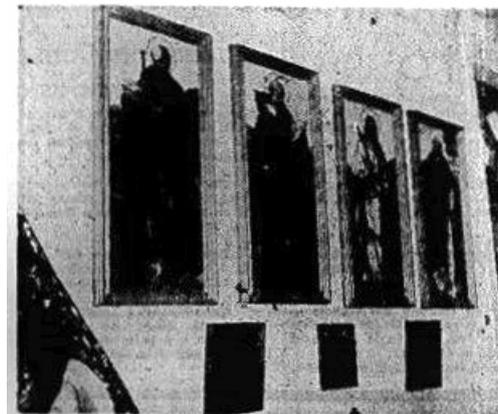
Benedito Odescalchi, que subiu ao papado com o nome de Inocêncio XI nasceu em Como (província de Milão), em 1611 e faleceu em Roma em 1689. Foi severo reformador, promulgando leis contra o luxo das dinastias romanas e proibindo a usura em seus Estados.

De Lucas Della Robbia ou de membro de sua família de caranistas há belo medalhão colorido.



Medalhão de cerâmica de um dos Della Robbia, do século XV, na Itália

As porcelanas chinesas e japonesas se incluem entre as coisas mais preciosas da coleção. Há, ainda, móveis de estilo empire; autênticos vitrais suíços do século XVI com as armas dos principais cantões, potes de faiança de Nancy, uma harpa de influência neo-clássica de marca Nadermann; um busto de Júlio César, escultura barroca e colchas de seda oriental.



Ao alto, os 4 SANTOS da coleção Ferreira das Neves. Devem ser do final do séc. XV, ou, mais certamente, dos primeiros anos do XVI

A inauguração da Sala-Museu, a 13 de junho, foi preparada para coincidir com o primeiro centenário da criação oficial do ensino da História da Arte no Brasil, contando com a presença de algumas individualidades e de uma surpreendente afluência de público.

A “valiosa coleção de obras de arte”, que se considerava “útil à aprendizagem dos alunos da Escola e aos trabalhos práticos do Seminário de Estudos de História da Arte”, revelava, entre outras peças, importantes obras de pintura, escultura, mobiliário, porcelana e quatro vitrais suíços do século XVI que, numa primeira fase, poderiam ser apreciadas pelo público apenas às 5<sup>as</sup>-feiras<sup>1</sup>.

A doação desta importante coleção havida sido feita por Eugénia Barbosa de Carvalho Neves (1860-1946), viúva de Jerónimo Ferreira das Neves. No seu testamento, datado de 27 de julho de 1934, deixava clara a intenção de legar, todas as obras de arte que haviam sido colecionadas pelo marido, à Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, referindo-se especificamente a “quatro preciosos *vitraux* suíços antigos, que estão na janela da sala da minha Biblioteca” (Pereira, Malta: 2014: 63).

Eugénia morre em 1946 e a coleção doada à Escola de Belas-Artes é exposta ao público a partir de 1955, no edifício onde então funcionava a escola, e que é hoje o Museu Nacional de Belas-Artes. Em 1979, a coleção é transferida para o edifício da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na ilha do Fundão, integrando o denominado Museu D. João VI, da Escola de Belas-Artes, onde se encontra.

O acervo, em particular as pinturas, em breve chamaria a atenção dos historiadores, insistindo-se, simultaneamente, no aprofundamento do conhecimento acerca do colecionador. Os primeiros estudos conduzidos por José Roberto Teixeira Leite (n. 1930), a partir do final dos anos cinquenta,

apresentam Jerónimo Ferreira das Neves como português, amigo do rei D. Fernando II e de sua segunda mulher, a Condessa d’ Edla. Adianta o autor que Ferreira das Neves terá comprado as suas melhores pinturas a António Maria Fidié (1828-1900)<sup>2</sup>, um amigo do rei consorte (Leite, 1960).

Estudos recentes de historiadores brasileiros têm trazido dados mais concretos sobre esta enigmática figura, que se sabe hoje ter nascido no Brasil, ainda que mantivesse diversas ligações a Portugal, permanecendo, no entanto, por desvendar como construiu a sua coleção de arte (Pereira, Malta, 2014; Malta, 2015).

Na investigação desenvolvida para a apresentação deste trabalho sobre os vitrais da coleção, encontrámos alguns dados novos sobre esta figura, que consideramos relevantes para a caracterização do seu perfil de bibliófilo e de colecionador.

Jerónimo Ferreira das Neves (1854-1918) é referenciado, na escassa documentação arquivística que pudemos localizar até ao momento em Portugal, como tendo sido um oficial da Marinha de Guerra Brasileira (ANTT, FFA, carta 16a e 16b, 1897), circunstância que, certamente, lhe terá facilitado cruzar mares e contactar com importantes mercados de arte da Europa. É, porém, como jurisperito, alguém entendido em leis que, em 1885, por proposta de Luciano Cordeiro, R. A. Pequito e Marrecas Ferreira, se torna sócio da “classe ordinário” da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>3</sup>.

No seio dos círculos eruditos portugueses, ganharia estatuto como “distinto bibliófilo” (Vasconcelos, 1896: 83). “O sr. Jeronymo Ferreira das Neves Sobrinho, brasileiro”, como é referido por Brito Aranha, era um “distinto apreciador de bons livros e dos mais celebres auctores”. A este propósito, refere que possuía, entre “outras edições camonianas antigas conservadas com ... primor”, a

1. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 março 1956, Suplemento Literário, p. 5. A partir de julho de 1956 encontramos, na imprensa periódica, referências à sua abertura diária.

2. Muito pouco se conhece acerca do engenheiro António Maria Fidié, além de que era filho do tenente-coronel João José da Cunha Fidié (fal. 1856), diretor do Colégio Militar de Lisboa e, antes disso, governador de armas em Piauí e Paraíba. António Maria militar durante as guerras liberais, onde, em 1833, atingiu a patente de capitão do Regimento de Artilharia de Faro (Serrão, 2016: 16). Sabemos que em janeiro de 1866, vendeu à Academia Real das Belas-Artes o quadro *Festim de Herodes*, atribuído a Rubens, informação que reforça a sua ligação ao mercado de arte (Xavier, 2015: 169).

3. O catálogo integra “preciosos livros antigos” espanhóis, portugueses, holandeses, ingleses e franceses.

rara edição de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, de 1584, “designada edição dos Piscos”. Acrescenta, a respeito, que “o exemplar... existente em Lisboa, ao que parece mais natural, pelo estado de conservação e beleza da encadernação, feita em Paris, é o que possui o sr. Jeronymo Ferreira das Neves Sobrinho, brasileiro (Aranha, 1888: 389).

Considerava-se que “tinha a biblioteca americana mais valiosa que se conhecia” (ANTT, FFA, carta 16a e 16b, 1897), razão pela qual Sousa Viterbo o classifica como “infatigável bibliófilo americanista” (Viterbo, 1903). A par dos livros, o seu fascínio por encadernações era também merecedor de distinção, aludindo-se ao empenho que colocava na obtenção de alguns exemplares nos “fervorosos” e “encarniçados” leilões da capital portuguesa: “Quantas batalhas, quanto entusiasmo bélico, para a posse duma encadernação! Pugnas renhidas, em que entravam os mais distintos amadores da época, Aníbal Fernandes Tomaz, Jerónimo Ferreira das Neves, Carvalho Monteiro, o *Milhões*, Bernardino Ribeiro de Carvalho, Conde de Castro e Sola, etc.” (Lima, 1933: 11-12)

A julgar pela data em que se tornou sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, reforçada pelo testemunho de Brito Aranha a que aludimos, cremos ter sido a partir da década de 1880 que Jerónimo Ferreira das Neves fortaleceu as suas relações com Portugal, contactando com importantes figuras da política nacional, como o médico Eduardo de Abreu (1856-1912), de quem era amigo, e com o militar Francisco Ferreira do Amaral (1844-1923), que se tornaria ministro da Marinha e do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros; mas também com colecionadores, de que é exemplo o arquiteto José Maria Nepomuceno (1836-1895), a quem compra o manuscrito de Manuel Pinheiro Arnaut, *Templo da fama consagrado ao valor de Portugal*, adornado com delicados desenhos (Viterbo, 1914: 386); e com distintos eruditos, com destaque para Francisco de Sousa Viterbo, que bastas vezes, na sua obra publicada, alude ao “amigo” brasileiro e à sua

distinta coleção de livros e de manuscritos. Sousa Viterbo foi médico na Armada Portuguesa, contexto em que poderá ter iniciado a amizade com o oficial da Marinha de Guerra Brasileira, Jerónimo Ferreira das Neves.

É pois pelos testemunhos de Sousa Viterbo que ficamos a saber da aquisição de alguns exemplares raros para a sua coleção, fazendo dele, segundo o médico, historiador e jornalista português, um “bibliófilo de primeira água”, possuidor de alguns exemplares belos e únicos (Viterbo, 1892: 43; Viterbo, 1918: 191). Sousa Viterbo destaca, nomeadamente, o manuscrito de Félix da Costa, *Antiguidade da Arte de Pintura* (1696); a Carta topográfica desenhada pelo 2º tenente do Real Corpo de Engenheiros, Rufino José Felizardo, 1812 (Viterbo, 1962, I: 122-123); a obra de D. Gabriel Garcez y Gralla, *Venus y Adonis. Fabula trágica...* (1656) e outras que arrematou no leilão do afamado bibliófilo Agostinho Vito Pereira Merello; o *Tratado que escreveu la madre Teresa de Jesus*, adquirido no leilão da livraria Pombal (Viterbo, 1918: 213, 279, 406, 423); ou o *Institutiones Grammaticae Latinae, per Nicolaum Clenardum* (1538), “exemplar de Jeronymo Ferreira das Neves, que o arrematou por 18 mil e tanto no leilão da livraria Macedo Braga” (Viterbo, 1924)<sup>4</sup>. Outros autores mencionam ainda o *Itinerário* de António Tenreiro (impresso pela 1ª vez em Coimbra), cujo exemplar viria a integrar a biblioteca do rei D. Manuel II (*Lusitânia*, 1 set. 1932: 4); duas cartas de Fernando Colombo (escritor espanhol, segundo filho do navegador Cristóvão Colombo) e a 1ª edição de Marco Polo, adquiridas por £ 3.000 (ANTT, FFA, carta 16a e 16b, 1897).

A localização de um catálogo do leilão de parte da biblioteca de Jerónimo Ferreira das Neves, que teve lugar em Paris, em 1976, intitulado *Voyages, Découvertes, Luttés & Conquêtes des Européens dans le Nouveau monde, notamment au Brésil. Ancienne collection J. Ferreira das Neves*<sup>5</sup>, que pudemos adquirir, a par das obras doadas à Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, permite perceber que

4. Lúcia Marinho avança com a hipótese deste relógio pertencer hoje à coleção da Casa-Museu Medeiros e Almeida (Marinho, 2010, pp. 232-233).

5. José Gregório da Silva Barbosa, falecido em 1896, era, segundo Sousa Viterbo, irmão da viúva de Francisco Gomes de Amorim e amigo de Ferdinand Denis. Viajava frequentemente pela Europa (Paris, Londres, Bélgica, Holanda, Alemanha), onde adquiria objetos de arte e de coleção que depois vendia em Portugal. (Viterbo, 1903: 146-147). Foi vogal da Sociedade Promotora de Belas Artes.

era possuidor de uma das mais importantes coleções de livros, manuscritos, gravuras e mapas antigos sobre os descobrimentos do continente americano.

Foi precisamente através de uma gravura, mandada executar em Paris por Ferreira das Neves, que Rafael Bordalo Pinheiro fez um modelo de um galeão português do tempo do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. No contexto das celebrações centenárias do feito, destinava-se a peça a decorar os aposentos do comandante do navio de guerra *Adamastor*, mandado construir, em 1897, sob iniciativa da *Comissão Executiva da Grande Subscrição Nacional a Favor da Defeza do País*, constituída na sequência da humilhação causada a Portugal pelo ultimato inglês de 1890.

A mesma fonte revela-nos que o galeão “não pode ser mais autentico”, sendo “copia fiel da gravura mandada executar em Paris, em face de 18 Portulanos da epocha do descobrimento da India”, 11 existentes na biblioteca nacional francesa e 7 pertencentes a Ferreira das Neves (ANTT, FFA, carta 16a e 16b, 1897).

Com base no testemunho de Viterbo, sabemos que Jerónimo Ferreira das Neves foi também um “coleccionador notável de relógios” (Viterbo, 1915: 11-12), possuindo “exemplares preciosos”, como “um bonito relógio de algibeira, para senhora, de metal esmaltado e cravejado de pedras”, cujo “medalhão central da tampa da caixa é um lindo busto de mulher com chapéu” (Viterbo, 1915: 11-12)<sup>6</sup>. O colecionador brasileiro adquiriu, igualmente, uma importante coleção de numismática, da qual fazia parte a “preciosa, talvez única no seu género” coleção de moedas e medalhas pertencente ao *marchand* de arte e colecionador José Gregório da Silva Barbosa<sup>7</sup>, que os seus herdeiros venderam a Jerónimo Ferreira

das Neves por quatro contos (Viterbo, 1903). Destacava-se no conjunto a medalha com o retrato da Imperatriz Isabel de Portugal, filha de D. Manuel, encomendada pelo Imperador Carlos V, em 1549, ao célebre escultor italiano Leone Leoni; ou a da Infanta D. Maria, sobrinha de D. João III casada com Alexandre Farnese, Duque de Parma, “verdadeira jóia de subtileza e graça, devida a Pastorino” (Pamplona, 1956: 4).

A coleção de numismática, outrora pertencente a Jerónimo Ferreira das Neves, considerada pela crítica especializada como contendo peças raras e preciosas de grande valor artístico e iconográfico (Pamplona, 1956: 4), viria a ser exposta, em 1955 no Palácio Foz, em Lisboa, quando já era pertença da Casa Bancária Almeida, Bastos & Piombo. Nessa altura, o numismata Pedro Batalha Reis, encarregado de elaborar o pequeno catálogo da exposição, dá um notável testemunho acerca da singularidade da coleção: “Dentre as colecções de medalhas que em Portugal se tem reunido, é sem dúvida esta que descrevemos, a mais bela e extensa que entre nós se formou em todos os tempos. Nela se vêem não só as medalhas pròpriamente portuguesas, mas ainda as estrangeiras que de algum modo se referem a Portugal; por isso que, raro será o facto de relevo histórico, político ou religioso, que não tivesse sido lembrado nas medalhas, do século XVI aos nossos dias. Foi seu organizador um espirito de requintada cultura artística, o notável colecionador Jerónimo Ferreira das Neves, que à colecção das medalhas dedicou a sua maior atenção. E assim, mercê dum grande interesse e apurado gosto, servidos por largo desafogo financeiro, conseguiu reunir a magnifica colecção que ora se apresenta ao publico (Reis, 1959: 5-6).

6. Vitral que apresenta o brasão de um cantão da Antiga Confederação Helvética.

7. Esta faixa, a partir de 1289, torna-se amarela.

## QUATRO VITRAIS ARMORIADOS SUÍÇOS DO SÉCULO XVI

Da “pequena, mas notável” coleção de arte reunida por Ferreira das Neves, doada à Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, fazem parte quatro vitrais suíços armoriados, que até hoje não mereceram qualquer estudo. Sabemos, pelo testamento de Eugénia, que estes se encontravam aplicados na janela da sua rica e vasta biblioteca. Depois de terem sido removidos, foram montados num biombo de madeira de duas lâminas, onde hoje se encontram, sem mais cuidados expositivos. Tratam-se de vitrais armoriados, tipo *Standesscheibe*<sup>8</sup>, sensivelmente com as mesmas dimensões, referentes a quatro cantões suíços: Basileia, Berna, Schaffhausen e Nidwalden.

A moda de se executar este tipo de vitrais iniciou-se por volta de 1485, ao mesmo tempo que crónicas suíças iluminadas refletiam a crescente autoestima dos helvéticos, depois das vitórias na guerra da Borgonha, onde mercenários suíços combateram contra Carlos, o Temerário, ao lado do exército de René II, duque de Lorena.



Fig. 02. Conjunto dos quatro vitrais Suíços pertencentes à coleção Ferreira das Neves. Museu D. João VI, Rio de Janeiro.

8. Veja-se <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/explore/collections/master/sub/1252399582/?lng=>; [http://eng.tzar.ru/museums/palaces/alexander\\_park/landscape\\_park/arsenal](http://eng.tzar.ru/museums/palaces/alexander_park/landscape_park/arsenal)



O vitral do lado inferior esquerdo, tem uma composição semelhante ao anterior. A inscrição na cartela, ladeada por dois pajens músicos, um tocando flauta e outro tambor, refere o lugar de Schaffhausen e tem a data de 1587. Dois cavaleiros flanqueiam os escudos, dispostos sob a forma de trevo: a

representação espelhada do brasão de Schaffhausen, apresentado em campo de ouro um carneiro preto, é sobrepujada pelas armas alemães imperiais com a águia de duas cabeças coroada. Repetem-se as cenas de batalha pintadas sobre fundo amarelo nos cantos superiores.



Figs. 05, 05a e 05b- Vitral Suíço do cântico de Schaffhausen (geral e pormenores), pertencente à coleção Ferreira das Neves. © Museu D. João VI, Rio de Janeiro.

O último painel, disposto do lado direito, em baixo, volta a seguir o mesmo tipo de composição referido anteriormente, com dois cavaleiros a ladear os escudos dispostos em forma de trevo, ostentando o brasão de Nidwalden. Um escudo, dividido horizontalmente de vermelho e prata com uma chave dupla invertida, em referência a São Pedro, patrono do cantão, é sobrepujado pelas armas imperiais alemãs.

Na cartela inferior, ladeada por tocadores de trompa, está a inscrição referente a Arnold Winkelried, o herói da batalha de Sempach (1386), e o eremita São Nicolau de Flüe, santo patrono da Suíça, conhecido como "Irmão Klaus". Ostenta a data de 1572.

No canto superior esquerdo, podemos ver a miniatura pintada da lenda do dragão do Monte Pilatus executado por Heinrich Winkelried, antepassado de Arnold.



Fig. 06. Vitral Suíço do cantão de Nidwalden, pertencente à coleção Ferreira das Neves. © Museu D. João VI, Rio de Janeiro.

No conjunto dos quatro vitrais, a propriedade do desenho, a transparência das cores e os volumes bem trabalhados pelo claro-escuro revelam, indiscutivelmente, a qualidade do mestre que concebeu estas obras. Fica a grande questão: onde terá Jerónimo Ferreira das Neves adquirido estes vitrais?



Figs. 06a, 06b e 06c. Vitral Suíço do cantão de Nidwalden, pertencente à coleção Ferreira das Neves (pormenores). © Museu D. João VI, Rio de Janeiro.

## ALGUNS NOTÁVEIS COLECIONADORES DE VITRAL ANTIGO OU AL ANTIGUO: UM ESBOÇO DO GOSTO E DO MERCADO EM PORTUGAL E NO BRASIL

O vitral armoriado suíço era comum nas grandes coleções de vitrais antigos. D. Fernando II possuía um *standesscheibe* de Uri. O painel, que hoje pertence às coleções do Palácio Nacional da Pena, evidenciando a cena de arco e flecha do lendário Guilherme Tell (PNP2859), tinha sido integrado na janela rotativa da sala de jantar no Palácio das Necessidades.

Também, Nicolau I da Rússia possuía belos vitrais suíços. A janela central da sala de estudo do Imperador no edifício neomedieval do Arsenal de Tsarskoe Selo, foi decorada com vitrais suíços, anteriormente pertencentes à coleção de Dmitry Tatishchev<sup>10</sup>, um diplomata e colecionador de arte russo, amigo próximo de Fernando VII de Espanha.

10. Esta faixa, a partir de 1289, torna-se amarela.



**Figs. 07a e 07b.** Vitral suíço do cantão de Uri pertencente à coleção de D. Fernando II, Palácio Nacional da Pena. ©Parques de Sintra-Monte da Lua. Carl von Egeri, 1551. © Museu do Hermitage, São Petersburgo.

Os vitrais armoriados eram cobiçados pelos colecionadores, sensíveis a um revivalismo medieval, enquanto referência ao nobre ideal de cavalaria da Idade Média, sendo utilizados para preencher vãos em projetos arquitetónicos neogóticos, como cedo, Horace Walpole ensaiou em Strawberry Hill ou William Beckford em Fonthill Abbey, ou ainda em ambientes mais ecléticos como a casa do arquiteto John Soane em Londres. Nesta casa-museu guardam-se ainda hoje alguns catálogos de leilões de vitrais anotados pelo arquiteto, preciosos documentos para o estudo do colecionismo destas obras de arte.

Em Portugal, com exceção da coleção de D. Fernando II, tanto no Palácio das Necessidades, como no seu “castelo neogótico” de Sintra, não temos muitas mais referenciadas na época, como também não temos caracterizado o gosto e o mercado do colecionismo de vitral no século XIX, entre nós.

O gosto pela Idade Média penetrava lentamente em Portugal. Enquanto o rei erguia o seu Palácio da Pena, na literatura, Almeida Garrett, depois de um período de exílio em Inglaterra, abria caminho a uma nova estética romântica, com o seu poema

*Camões*, enquanto no seu diário de viagem por terras britânicas notava as qualidades da arquitetura gótica e o ambiente de recolhimento e devoção dos interiores das catedrais, potenciado pela luz coada através dos vitrais. Na visita ao castelo de Dudley sente o ambiente romântico da ruína, não deixando de notar os restos de vitrais que ainda se viam nas janelas quebradas.

Dos nossos monumentos medievais, o mosteiro da Batalha era aquele que reunia o maior conjunto de vitrais. Aos efeitos do terramoto de 1755 e das invasões francesas, veio somar-se o vandalismo na sequência da extinção das ordens religiosas. Os vitrais sofreram significativamente entre a destruição e a venda abusiva. O historiador Joaquim de Vasconcelos refere que o conde polaco Athanasius Raczyński ainda viu alguns restos de belos vitrais em 1843, quando visitou o monumento (Vasconcelos, 1883: 49). Aponta os nomes de Augusto Luso e Marciano Azuaga como colecionadores de vitral, no norte do país. Ainda hoje se encontram seis fragmentos de vitrais, que pertenceram ao mosteiro da Batalha, na coleção Azuaga, patente no Solar Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia.

Citando ainda as memórias do diplomata polaco, Vasconcelos refere que os vitrais das igrejas de São Francisco e da Graça de Évora foram enviados para Lisboa para o antigo convento de São Francisco que servia de depósito às obras de arte retiradas dos conventos extintos, chamando-lhe “o sorvedouro, o poço sem fundo bem conhecido” (Vasconcelos, 1883: 50).

Portugal não tinha tradição na produção de vitral e quando se procedeu ao restauro do mosteiro da Batalha, as vidraças foram restauradas não com vitrais mas com vidros de cor produzidos na Marinha Grande.

D. Fernando II teve particular empenho no restauro das vidraças da Batalha, tal como teve em relação às da igreja do mosteiro dos Jerónimos. É Almeida Garrett que nos diz terem sido colocados vidros de cor em duas janelas, graças à iniciativa do rei, “a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal”.

Apesar do empenho de D. Fernando (Gaspar, 2011), tardaram em aparecer oficinas de vitral no nosso país. Temos que esperar pelo final do século XIX para encontrar uma oficina em Lisboa, a de João Cabral, até agora desconhecida e cuja produção permanece por estudar. Um anúncio publicitário refere a feitura de imitações de vitrais dos séculos XII e XIV até à época atual, assim como a elaboração de vitrais artísticos “segundo aguarelas dos principaes artistas portuguezes” (Branco e Negro, 26.04.1896).



**VITRAES**

Decoração de chateaux, palacetes, villas, chalets, egrejas, capellas, etc.

GENERO ANTIGO E MODERNO

Imitações dos vitraes dos seculos XII e XIV até á epoca actual, **VITRAES ARTISTICOS**, segundo aguarellas dos principaes artistas portuguezes.

*PINTURA A FOGO INALTERAVEL,  
FIGURAS ALLEGORICAS, BRAZÕES E MEDALHÕES*

VITRAES para casas de jantar, gabinetes, salões, salas de bilhar, salas de armas, bibliothecas, vestibulos, escadas, jardins de inverno, etc.

**VIDROS GRANULADOS E LISOS**

Carta a *J. CABRAL*, Arco do Bandeira, 86, 5.º, E.

Fig. 08. Anúncio à oficina de vitral de João Cabral. Branco e Negro: semanário ilustrado, 4, 26 abril 1896 (verso da capa)

Ainda assim, quando a Comissão de Monumentos Nacionais discute a produção de vitrais para as janelas da igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em 1914, sublinha a falta de artistas qualificados em Portugal e pondera a necessidade de se encomendarem os vitrais no estrangeiro, tal como havia sido feito para uma das capelas da catedral de Lisboa, em 1904, cujos vitrais vieram de França.

A compra e venda de obras de arte era muito ativa em Portugal, na segunda metade do século XIX. O mercado leiloeiro animava-se com vendas de grandes coleções, como referem as crónicas da época, e as extinções dos conventos (1834) e dos morgadios (1863) colocavam muitas obras no mercado, mas em relação a vitrais não se encontram grandes referências. Jerónimo Ferreira das Neves terá comprado, muito provavelmente, boa parte das suas obras de arte no mercado português, mas sobre os vitrais nada sabemos. Uma vez que o colecionador passava temporadas em Paris (Malta, 2015: 245-247), é igualmente plausível que tenha comprado os vitrais suíços na capital francesa.

Também no Brasil, no Rio de Janeiro do século XIX, não são muitas as alusões a vitrais antigos. Sabe-se que no Palácio Imperial de São Cristóvão, a Imperatriz Teresa Cristina possuía 4 vitrais antigos, na janela da antessala do seu oratório, representando Dante e Beatriz e Tasso e Eleonora. Com o leilão dos bens

da casa imperial, depois de instaurada a república no Brasil, os vitrais foram comprados pelo antigo arquiteto do palácio que não os mandou retirar. Viriam a ser transferidos para o gabinete da direção do edifício de São Cristóvão, apenas em 1957, onde hoje se encontram.

A grande obra envolvendo uma significativa quantidade de vitrais foi o pequeno palácio na ilha do Fiscal na baía de Guanabara, em frente à cidade do Rio de Janeiro. O Imperador D. Pedro II, que se havia encantado, aquando das suas visitas a Portugal em 1872 e 1877, com o castelo de seu cunhado, no topo da serra de Sintra, mandava construir ao engenheiro Adolpho José Del-Vecchio (c. 1884-?) um pequeno palácio neogótico. Os vitrais foram encomendados em Inglaterra e vieram integrar as várias janelas de recorte neogótico do *château*.

Inaugurado a 27 de abril de 1889, constituiu, desde logo, uma referência de gosto na capital carioca. Porém, o pequeno *château* haveria de ficar conhecido, sobretudo, como o lugar do último baile do império. Inicialmente marcado para 19 de outubro, o grande baile destinado a abrir o palácio à sociedade, seria adiado para 9 de novembro, seis dias antes da revolução republicana, devido à morte do rei de Portugal, D. Luís.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de dar a conhecer os quatro belos vitrais suíços pertencentes à coleção de arte do brasileiro Jerónimo Ferreira das Neves, foi possível alcançar algumas informações relevantes acerca de tão nebulosa personalidade. A consolidação do seu estatuto de bibliófilo e o estabelecimento de alguns elos de ligação com importantes personalidades portuguesas, estamos em crer que favorecerão novos e importantes conhecimentos.

Se sobre os livros, manuscritos e peças de numismática foi possível estabelecer alguns contextos de aquisição, permanecem as dúvidas sobre como e onde Ferreira das Neves terá adquirido a sua coleção de arte, nomeadamente os quatro vitrais suíços. Neste âmbito, importa estudar, de uma forma mais ampla,

o mercado de produção e de colecionismo de vitral no século XIX (em Portugal e na Europa) e de uma forma mais estrita, os vitrais adquiridos por Ferreira das Neves, para que, nomeadamente, através da sua materialidade e técnicas, se possa aferir a sua origem e a respetiva cronologia de execução.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Família Ferreira do Amaral* (FFA), cx. 3, mct. Eduardo de Abreu, carta 16a e 16b, 8 de junho de 1897.

ARANHA, Brito - *A obra monumental de Luiz de Camões: estudos biográficos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888.

BUTTS, Barbara and HENDRIX, Lee (coord.) - *Painting on light. Drawings and Stained Glass in the Age of Dürer and Holbein*. Los Angeles: The J. Paul Getty Trust, 2000.

GASPAR, Nuno - *Os vitrais do Palácio da Pena e a coleção de D. Fernando II: contributos para o seu estudo*. Lisboa: FLUL, 2011 (dissertação de Mestrado).

LIMA, Matias - *A encadernação em Portugal: subsídios para a sua história*. Gaia: Pátria, 1933.

MALTA, Marize – “Outras perspectivas e alguns avanços sobre a coleção Eugênia e Jerônimo Ferreira das Neves”. CAVALCANTI, Ana, MALTA, Marize, PEREIRA, Sonia Gomes (org.) - *Coleções de Arte: Formação, Exibição, Ensino*. Rio de Janeiro: Rio Books/FAPERJ: 2015, pp. 233-250.

MARINHO, Lúcia - *Guardiães do Tempo. A Arte da Relojoaria na Coleção da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: FLUL, 2010 (dissertação de Mestrado)

PAMPLONA, Fernando de – *Crónica de Artes Plásticas pelo Dr. Fernando de Pamplona* [Guião do programa radiofónico *Programas Metropolitanos*, emitido a 21.03.1956 pela Emissora Nacional]. Arquivo RTP. Consultado online em 17.05.2014.

PEREIRA, Sonia Gomes – “Coleção Jerônimo Ferreira das Neves: uma coleção portuguesa no Museu D. João VI do Rio de Janeiro”. *Actas do III Seminário Internacional Luso-Brasileiro*. Porto: CEPESE/ Universidade do Porto, 2009, pp. 244-264;

\_\_\_\_\_. - “Fluxo de objetos no tempo e no espaço: a trajetória da Coleção Ferreira das Neves. *Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte, Obra e Fluxos*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, pp. 884-893.

PEREIRA, Sonia Gomes; MALTA, Marize, “A coleção Jerônimo Ferreira das Neves do Museu D. João VI no Rio de Janeiro”. *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*, 2 (2014), 60-71.

REIS, Pedro Batalha - *Guia da mais notável coleção de medalhas portuguesas reunida em Portugal* / Pedro Batalha Reis. Lisboa : [s.n.], 1959

[VASCONCELOS, Joaquim de] - *Exposição Districtal de Aveiro em 1882, Relíquias da Arte Nacional*. Aveiro: Grémio Moderno, 1883.

VASCONCELOS, Joaquim de (ed.) - *Quatro Diálogos da Pintura Antigua: Francisco de Hollanda, Miguel Angelo, Vittoria Colonna, Lattanzio Tolomei*. Porto: s.n., 1896.

VILARIGUES, Márcia; MARTINHO, Bruno A.(coord.) - *Collecting through Connections. Glass and Stained-glass Collectors and their Network in the 19th century*. *Revista de História da Arte- série W* (3), IHA\_UNL, 2015. Disponível em <http://revistaharte.fcsh.unl.pt/rhaw3/RHAW3.pdf>

VITERBO, Sousa - *Artes e Artistas em Portugal: contribuições para o estudo das artes e indústrias portuguesas*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1892.

\_\_\_\_\_. - *Notícia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1903.

[VITERBO, Sousa]- *Arquivo Histórico Portuguez*, vol. IX. Lisboa: Typographia Calçada do Cabra, 1914.

\_\_\_\_\_. - *Artes e Industrias metálicas em Portugal. Relojoaria, sinos e sineiros*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915 (1º ed. 1898).

\_\_\_\_\_. - “A literatura espanhola em Portugal”. *História e Memória da Academiadas Sciencias de Lisboa*, 2º classe, tomo XII, parte II (190-1915). Lisboa: Imprensa Nacional, 1918, pp. 151 e ss.

\_\_\_\_\_. - *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI (apontamentos para a sua história)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

\_\_\_\_\_. - *Expedições científico-militares enviadas ao Brasil*, 2 vols. Lisboa: Panorama, 1962-1964.

REIS, Pedro Batalha - *Guia da mais notável coleção de medalhas portuguesas reunida em Portugal*. Lisboa: s.n., 1959.

SERRÃO, Vitor – “Pinturas dos ‘Primitivos’ nas antigas coleções reais do Rio de Janeiro e no actual Museu D. João VI”. MALTA, Marize; NETO, Maria João; CAVALCANTI, Ana; OLIVEIRA, Emerson Dionisio de; COUTO, Maria de Fátima Morethy (orgs.). *Histórias da arte em coleções: modos de ver e exibir em Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016, pp.7-26.